

Comunidade financeira dos EUA aprova medida e espera novas adesões

por William Wall
do Financial Times

A comunidade financeira norte-americana recebeu com agrado a dramática decisão do Citicorp de reduzir em um quarto o valor de seus empréstimos de US\$ 15 bilhões ao Terceiro Mundo e assumir um prejuízo de US\$ 2,5 bilhões no segundo trimestre.

Os analistas sugeriram que outros grandes bancos norte-americanos poderão ser obrigados a adotar uma ação semelhante. Embora muitos bancos se recusassem a comentar a ação do Citicorp, o Manufacturers Hanover admitiu que poderá seguir seu exemplo.

As ações do Citicorp, maior grupo bancário norte-americano e maior banco internacional, deram um salto de mais de US\$ 3, para US\$ 53,75, no início do pregão de ontem, depois do anúncio de que o grupo estava aumentando em US\$ 3 bilhões suas reservas contra perdas de empréstimos, elevando-as para US\$ 5 bilhões e de que esperava registrar um prejuízo líquido de aproximadamente US\$ 1 bilhão neste ano de 1987.

Embora a ação do Citicorp venha a reduzir o valor contábil das ações do banco em aproximadamente um terço, os analistas ficaram satisfeitos pelo fato de o banco estar abordando um problema que deprimiu o preço das ações de todos os bancos norte-americanos desde o início da crise da dívida em 1982.

"ADMITIR PROBLEMAS"

"O que faz a diferença é o reconhecimento do problema", disse uma analista, segundo o qual "o mercado se sente mais à vontade quando uma companhia admite seus problemas".

Contudo, a magnitude das ações do Citicorp surpreendeu os analistas de Wall Street e, embora o grupo tenha frisado que não tem a intenção de estabelecer um padrão para o restante da indústria bancária norte-americana, a maioria dos analistas de Wall Street acredita que os banqueiros rivais não poderão ignorar a decisão do Citicorp.

A maior parte dos bancos norte-americanos se recusou ontem a fazer comentários públicos sobre a decisão do Citicorp, embora tenha admitido privadamente que seus altos executivos trabalharam na terça-feira até altas horas da noite para revisar as implicações de uma iniciativa semelhante em seus próprios balanços gerais.

As principais exceções foram dois dos membros mais fracos da comunidade bancária norte-americana. O BankAmerica Corporation, que foi afetado por pesados prejuízos por causa dos empréstimos nos últimos anos, tendo sido forçado a omitir seus dividendos no ano passado, indicou que não pretende aumentar suas reservas contra empréstimos, que estão a 3,17%, sendo mais altas do que as de qualquer outro banco, com exceção do Citicorp, cujas reservas correspondem agora a 3,7% dos empréstimos totais.

O BankAmerica informou que suas reservas para perdas de empréstimos "são apropriadas" e que não "tem consciência de novos fatos capazes de produzir uma necessidade de ajuste desta reserva".

SEGUIR O EXEMPLO

Contudo, o Manufacturers Hanover Corporation, terceiro banco mais fortemente vulnerável na questão da dívida do Terceiro Mundo, indicou que poderá seguir o exemplo do Citicorp. "A iniciativa adotada ontem pelo Citicorp é uma opção que foi examinada cuidadosamente por praticamente todos os principais participantes do pro-

cesso da dívida oficial, inclusive o Manufacturers Hanover. Esta opção será ainda mais intensamente revisada em consequência da decisão do Citicorp", declarou o banco numa nota divulgada ontem.

Os banqueiros afirmaram que, se as bolsas de valores e os mercados monetários mundiais responderam favoravelmente à decisão do Citicorp, isso aumentará a probabilidade de ações semelhantes para efetivamente dar baixa em uma parcela dos perturbados empréstimos bancários ao Terceiro Mundo.

Contudo, vários analistas observaram que somente alguns poucos bancos importantes dos Estados Unidos podem dar-se o luxo de adotar uma ação de tão grande alcance como a do Citicorp.

WASHINGTON ELOGIA

Fora do setor bancário, a reação à iniciativa do Citicorp foi diversificada. Ontem, em Washington, o vice-secretário recentemente nomeado do Tesouro, Peter McPherson, elogiou a decisão como "um fato positivo" e disse que ela ajudará a estratégia do governo Reagan para resolver os problemas da dívida do Terceiro Mundo.

Mas alguns funcionários manifestaram uma moderada preocupação, afirmando que o Citicorp simplesmente pôs em ordem seu balanço geral, mas não aumentou sua base de capital.

Disseram também que existe o risco de que alguns países em desenvolvimento tomem o aumento das reservas do banco como um convite para adotar uma posição mais dura nas negociações, alegando que o banco está agora preparado para assumir os prejuízos que possam resultar de uma atmosfera de mais confronto nas questões da dívida do Terceiro Mundo, o que por sua vez produzirá maiores perdas.

Entre os principais países devedores da América Latina, a ação do Citicorp teve uma cautelosa reação.

O ministro da Fazenda do Brasil, Luiz Carlos Bresser Pereira, fez uma declaração insistindo em que esta medida não influirá na estratégia de negociação do País.

"É do interesse do Brasil que o sistema financeiro continue sólido para que possa funcionar eficientemente", disse o ministro.

Na Argentina, que ontem concluiu um acordo com o grupo de países credores do Clube de Paris, um elemento-chave do extenso programa de refinanciamento do país, não houve reação oficial em relação à decisão do Citicorp.

Banqueiros acham dura a decisão

por Cristina Borges
do Rio

A decisão do Citibank de elevar as suas reservas em US\$ 3 bilhões para compensar os prejuízos causados por países devedores, como o Brasil, que não estão pagando os juros da dívida, foi considerada muito dura na opinião de banqueiros representantes de instituições financeiras estrangeiras no País, acreditando que a medida poderá dificultar ainda mais a política monetária do Brasil, além de contribuir para a recessão econômica.